

## **José Lutzenberger e a militância internacional pela floresta amazônica (Anos 1970-80)**

Elenita Malta Pereira

O engenheiro agrônomo brasileiro José Lutzenberger (1926-2002) teve uma atuação destacada como ambientalista em âmbito global. Ao longo de trinta e um anos de militância (1971-2002), uma de suas principais lutas foi a defesa da floresta Amazônica. Acompanhar a trajetória dessa militância em prol da Amazônia nos permite adentrar discursos e práticas que elevaram sua devastação a problemática de alcance mundial, ao longo das décadas de 1970 e 1980. Durante os anos da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), a Amazônia foi palco de megaprojetos de exploração econômica - como a fazenda Rio Cristalino, da Volkswagen - e de colonização, a exemplo do POLONOROESTE, financiado pelo Banco Mundial. Esses megaprojetos causaram ampla devastação e danos aos povos indígenas, seringueiros e ribeirinhos que viviam na região. Lutzenberger foi um dos maiores críticos a esses projetos, atuando de diversas formas para denunciar o que estava acontecendo, na tentativa de barrá-los. Esta pesquisa tem como problemática essa atuação, como ela possibilitou uma divulgação e crítica internacional dos projetos militares e de seus impactos socioambientais na Amazônia, nos anos 1970 e 1980. Nos anos 1970, Lutzenberger, ao lado de outros ambientalistas brasileiros, denunciou o empreendimento da Volkswagen na Amazônia como um dos mais devastadores na região. Nos anos 1980, participou de diversos eventos internacionais, em que expôs a responsabilidade dos governos militares no que chamou de “sistemática demolição da Amazônia”. Convidado a palestrar em diversos países, denunciou projetos como Grande Carajás, no Pará, e as mega usinas hidrelétricas de Itaipu e Tucuruí, responsáveis por enormes áreas desmatadas e desterritorialização de povos indígenas. Defendia que o fator de maior destruição socioambiental no país, naquele momento, era o tipo de agricultura praticada, na forma de monocultivos de exportação em larga escala, que usavam grande quantidade de agrotóxicos e fertilizantes, causadores de concentração de terra, água e riqueza nas mãos de poucos, causando fome e miséria, em especial nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. O trabalho está embasado em fontes arquivísticas variadas (recortes de jornal, correspondências privadas e oficiais, textos de palestras, conferências, artigos, originais de escritos do personagem, transcrições de depoimentos, livros, revistas, fitas VHS, entre outros) do Acervo Privado de José Lutzenberger (APJL). Entende-se Lutzenberger como um mediador entre entidades ambientalistas brasileiras e de outros países. A pesquisa usa os referenciais teórico-metodológicos da biografia histórica e da história ambiental, tendo como objetivos analisar quais foram as ações de Lutzenberger em defesa da Amazônia, compreender seu embasamento teórico, como mobilizou suas redes de relações transnacionais e quais as consequências dessa atuação para uma efetiva proteção do ambiente amazônico. Embasado na teoria de Gaia e numa ética ambiental biocêntrica, a luta de Lutzenberger tinha um caráter socioambiental, defendendo indígenas, ribeirinhos e seringueiros em palcos internacionais, colaborando para a constituição da Amazônia como problema mundial que não só o Brasil, mas também os países ricos tinham responsabilidade em proteger. O trabalho está inserido no projeto “José Lutzenberger: Um mediador entre o ambientalismo brasileiro e global (Déc. 1980-1990)”, financiado pelo CNPq.